

ELEMENTOS PARA COMPREENDER OS TERRITÓRIOS DO CRIME E AS PAISAGENS DA VIOLÊNCIA DA AGLOMERAÇÃO DE VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO, BRASIL: CROQUIS DE POSSÍVEIS PESQUISAS

Cláudio Luiz Zanotelli¹

OS TERRITÓRIOS DO CRIME

O crime, segundo o Aurélio, na conceituação do Direito Penal formal, seria a violação culpável da lei penal. Com esta concepção teríamos, hoje, uma boa parte de nossos governantes, de nossos empresários, bem como uma parcela importante dos funcionários públicos, condenados por não respeitar a Lei. Porém, estruturalmente, o direito, segundo Pierre Legendre, serve para legitimar a ordem social através do imaginário:

“Em todos os casos, a eterna questão a resolver pelos sistemas dogmatizados dos grandes conjuntos institucionais não é a de obter a hipotética adesão de uma razão humana, solta das crenças, mas de mobilizar o imaginário. Não há outro fundamento ao direito, qualquer que sejam as fantasias teoricista(...)” (Pierre Legendre, *Jouir du pouvoir - Traité de la bureaucratie patriote*, Ed. de Minuit)

Desse modo o crime é utilizado como controle social, pois muitos que se colocam como guardiões da lei não se auto-aplicam as leis que eles supostamente defendem.

Então que fique claro, o crime que pretendo compreender não é o “crime” como um todo, o crime estabelecido pela Lei como tal, não é o crime imputado às “classes perigosas” que pelas suas ações poderiam colocar o poder em perigo, não é o “crime” de desobediência às leis iníquas e injustas por parte da população excluída. Poderíamos dizer, como Marcuse nos anos 60, que se uma pessoa está com fome, ela tem o direito de pegar uma pedra quebrar uma vitrine e se servir. Não seria, pois, esta suposta “criminalidade” urbana que estaria provocando um pânico nas classes dominantes?

O crime e a criminalização das cidades, “lugar de toda exclusão”, nova babilônia para os cétricos místicos, já serviu na história e volta hoje com força a servir os dominantes e o poder para justificar uma política pública de segurança centrada na repressão e no enclausuramento. Desse modo como um poder completamente corrompido pode pretender aplicar uma política de segurança com policiais corrompidos, armar a polícia nessas condições é um perigo! A política de segurança do Estado brasileiro pretende se inspirar da América do Norte, onde existem mais de 2 milhões de presos (inclusive presos políticos como Abu Jamal) e onde os linchamentos contra os negros e os “latinos” são constantes. Mas porque, ao invés disso, não se pensa numa política social, em políticas públicas voltadas para os cidadãos?

As políticas públicas implementadas no Brasil e particularmente nas cidades, com o aval do Banco Mundial e do FMI, tem por objetivo de evitar explosões urbanas e facilitar a “*governance*” para ampliar as possibilidades de investimento e de lucros para as grandes empresas. Busca-se dessa forma evitar uma *deseconomia* urbana. Os investimentos em equipamentos públicos (esgotos, eletricidade, urbanização, etc.) financiados pelo Banco Mundial em certas cidades brasileiras seguem este preceito. Daí deriva o paradoxo de buscar-se a diminuição da criminalidade, ou mais particularmente da violência urbana, do número de homicídios, e, ao mesmo tempo, se construir algo de funcional com o propósito de permitir que o Capital se reproduza justamente sobre o cadáver do trabalho, exclusão e desemprego são conseqüências das políticas neoliberais que podem levar à violência

Por isto mesmo minha análise pretende buscar os condicionantes sociais da criminalidade e da violência, os aspectos indeterminados da determinação da dominância social.

Penso que a Geografia tem ferramentas conceituais que podem ser utilizados com grande precisão para analisar a relação entre o espaço e o crime, o espaço e a violência, em síntese o espaço-social, pois o espaço, como Milton Santos nos demonstrou, é o implícito de muitas análises sociais, é o não explicitado, o primo pobre dos Cientistas Sociais.

Para torná-lo conceito-chave, poderíamos dizer que nos discursos a sociedade, e particularmente o fenômeno que queremos estudar, é o efeito de uma causa ausente (o espaço). O espaço se organiza como tal a partir do homem-habitante (conceito de Vidal de La Blache reutilizado por Le Lannou, mais tarde, em sua Geografia Humana). Esse homem-habitante, homem para o mundo, é a representação física da inter-relação da natureza humana e da natureza espacial. O espaço social com nos lembra Pierre Bourdieu com sua teoria dos campos e do Habitus incorpora (literalmente) as dimensões físicas territoriais e humanas em seus esquemas explicativos. Dessa maneira, nossa busca é a de fazer interagir

¹ Professor Adjunto do Departamento de Geografia da UFES - Universidade Federal do Espírito Santo e membro da AGB-Vitória

no plano da órbita criminal dois eixos, a análise social e a análise espacial, sintetizados no espaço social ou no social-espacial (separados aqui para melhor explicitação de um esquema metodológico, mas imbricados no espaço real).

Em um primeiro momento em uma arquitetura provisória da pesquisa pretendida, desejo estabelecer uma hierarquização do território, uma espécie de armadura urbana da grande criminalidade (ver a propósito do método para estabelecer hierarquias no território, Michel ROCHEFORT, 1999) dos pontos-pólos da criminalidade no Brasil.

Através do Produto Criminal Bruto (estimado entre 500 bilhões e 1 trilhão de dólares) que se encontra reinvestido nos circuitos das finanças, da economia formal, das casas de jogos e do setor imobiliário, poderíamos identificar esta armadura do território brasileiro. Nossa hipótese é que as metrópoles nacionais controlam a criminalidade financeira, mas existem metrópoles regionais, bem como cidades importantes, que são pontos relés destas metrópoles. A hierarquia da criminalidade pode não ser semelhante à hierarquia urbana. Estas redes criminosas são os marcos primeiros da violência incontrolada, pós-moderna, que assola a sociedade brasileira.

Metodologia teórico-prática

Tentarei identificar os nós desta rede criminosa e os pontos de passagem, os corredores de circulação do tráfico. O Espírito Santo poderia ser classificado como um território-peneira, pelo fato que possui diversos portos por onde transita um volume de carga importante e onde o tráfico de navio é muito acentuado. Como consequência temos provavelmente aqui um lugar privilegiado de passagem de drogas e de tráficos diversos, o volume de cocaína apreendido é ridículo, não existe uma fiscalização sistemática pela polícia marítima e pela Polícia Federal dos espaços costeiros.

Desejamos, em primeiro lugar estabelecer cartas dos fluxos de transporte e suas diversas imbricações (rodovias, portos, EADIS, ZPEs, aeroportos, etc.), mapeando os fluxos de mercadorias e suas rotas poderemos identificar, quantitativamente, o volume transportado e as destinações das mercadorias.

Em um segundo momento buscaremos identificar os pontos na carta elaborada por observatórios internacionais de intenso tráfico de drogas e de tráficos e contrabandos diversos. Com a ajuda destas informações podemos iniciar uma superposição dos fluxos de transporte saindo do Espírito Santo, vendo se eles coincidem com estes pontos de embarque e desembarque de drogas e outros tráficos já repertoriados por organismos internacionais. Nesta empreitada será de grande ajuda o relatório da CPI do narcotráfico sobre as rotas do narcotráfico no Brasil, bem como seus incentivadores e as diversas relações estabelecidas entre o mundo do crime organizado, os políticos e os empresários ao nível nacional. No Espírito Santo procuraremos entender os circuitos de apropriação do orçamento público, notadamente as vantagens concedidas a empresários em termos de isenções fiscais, obras superfaturadas, desvios de dinheiro público, etc. Parte desse dinheiro alimenta os sindicatos criminosos que por sua vez executam as ordens destes empresários assassinando as pessoas que se põem no seu caminho, vendendo-se como pistoleiros de aluguel.

Num terceiro momento buscaremos identificar sobre o território do Espírito Santo, mas o ideal seria ao nível nacional, os fluxos financeiros e buscar associá-los a atividades existentes de fato, verificando se não há discrepâncias nos fluxos reais da economia comparativamente com os fluxos financeiros. Tentaremos mapear os bancos, seus balanços e volumes financeiros declarados (depósitos bancários, etc.), se esta atividade for superior as atividades que justificariam, por município, o volume de movimentação financeira, poderíamos identificar filiais de lavagem do dinheiro da droga, de contrabando ou de desvios de verbas públicas, poderíamos neste item contar com a contribuição de órgãos do governo federal que controlam os bancos, bem como de informações junto às secretarias da fazenda do estado e dos municípios.

Num quarto momento, após ter mapeado os diversos fluxos e ter realizado comparações transversais, buscaremos verificar a ação da polícia na apreensão e repressão da criminalidade financeira, das drogas e dos contrabandos. Buscando fazer uma leitura das notícias sobre contrabandos e crimes na imprensa e compara-las às estatísticas do poder público e da polícia, bem como tentar acompanhar as investigações efetivamente realizadas.

Poderemos utilizar informações de outros setores para mensurar a grande criminalidade, identificando e localizando Bingos, casa de jogos e clubes esportivos que reciclam o dinheiro da criminalidade.

Finalmente, podemos empreender uma análise do setor imobiliário local, sobretudo na aglomeração de Vitória que nos forneceria índices de um provável "lavagem" de dinheiro "sujo" neste setor. A busca de informações sobre as autorizações de construir nos últimos anos pode ser conseguida nas prefeituras, bem como sua localização (já empreendida por alguns pesquisadores) poderia nos fornecer informações sobre o setor imobiliário. Em uma segunda etapa compararíamos essas construções aos financiamentos legais realizados no setor imobiliário (dinheiro de caderneta de poupança, empréstimos liberados pelos bancos, etc.) para ver o grau de diferença entre financiamentos oficiais e financiamentos ocultos, ilegais ou não declarados.

Esse tipo de estudo já foi realizado na Colômbia indicando uma bolha imobiliária desproporcional com a situação da economia e dos financiamentos oficiais dos bancos para o setor. Isso determinou o grau de lavagem do dinheiro do narcotráfico colombiano (ver a este propósito o número XL da Revue Tiers Monde, do IEDEIS, Paris, 1999, dirigida por Pierre Salama onde se trata das questões como o impacto urbano da reciclagem do dinheiro da droga nos Andes, da corrupção provocada pela droga no Brasil e no México e onde se aborda a relação entre a economia da droga e a teoria do jogos bem como a economia do cocadulares, etc.).

Todas estas abordagens e mapeamentos serão, em fim, disponibilizadas através de um cruzamento com outras estatísticas, oficiais ou não, para se verificar a veracidade ou não das informações oficiais e para se fornecer um Atlas dos diversos fluxos da criminalidade.

A Paisagem da violência

A violência na sua acepção larga é polissêmica, ela está presente no próprio início da vida (o ato de nascer é um ato de violência), no processo de criação/destruição/transformação de movimentos artísticos e sociais (surrealistas como Breton afirmavam, de maneira provocativa, antes da Segunda Guerra Mundial, que o ato surrealista mais simples consistia em sair na rua e atirar ao acaso na massa), a violência se encontra presente nas relações de classes, nas relações entre Estado e sociedade, na oposição entre Nações, nas guerras, nas famílias, nas ruas, nas Máfias e no cotidiano das grandes cidades.

Neste item buscaremos compreender e mapear o fenômeno da violência, isto é um trabalho longo e interdisciplinar, exigindo colaborações diversas e interação com certos organismos públicos interessados na temática. A situação generalizada de violência não é um acaso, ela é produto da impunidade já tradicional na sociedade brasileira bem como do exemplo cotidiano de impunidade a que os habitantes do país assistem cotidianamente. Essa violência, como vimos na introdução, é derivada do monopólio da violência do Estado e das bandas armadas que estão a serviço daqueles que o satelizam. Violência-exemplo para a sociedade, neste sentido com a pouca politização de largos setores da sociedade brasileira, a violência ao invés de se voltar contra as injustiças e aqueles que detêm o poder se volta contra os próximos, as famílias, os amigos, o estranho, o Outro, que é visto como o inferno de cada um. Por isso mesmo a violência é política, fundamentalmente política, ela é utilizada como espantalho por homens políticos pouco escrupulosos desejando conquistar ou reconquistar o poder e é inteiramente esvaziada pelos governantes brasileiros, através do último plano nacional de segurança, de seu componente social e econômico.

Afirmar que a violência é múltipla, complexa, que é determinada por diversos fatores e que uma boa parte dela é cometida por pessoas conhecidas das vítimas, em muitos casos dentro da própria família, e que as causas de boa parte da violência não são de imediato econômicas, é um truísmo e as pesquisas o demonstram. Porém não se pode descartar um componente importante da violência que é o imaginário social, fundamento da própria sociedade. Esse imaginário no Brasil está impregnado da força bruta, do cale-se, da autoridade patriarcal dentro das famílias. O Estado é uma manifestação deste imaginário fundado nas estratégias das classes dominantes. Assim, a casa, apesar de separada da rua e com dinâmicas próprias em relação ao espaço público (ver a este propósito Roberto da Matta, A Casa e a Rua), é o lugar reprodutor e a extensão da maneira de se encarar a sociedade, o nosso modelo de governar é ainda o da Casa Grande e da Senzala. O espaço público é conquistado para enriquecer os potentados privados. Esse espaço público não é aquele da democracia grega, como nos mostra Annah Harandt, onde os cidadãos exerciam seus direitos e deveres e decidiam dos destinos da cidade e da sociedade. O que acontece dentro de casa no Brasil diz respeito à sociedade, e claro, o que acontece nos bairros e nas ruas, também. Afirmar que as causas principais e imediatas da violência não são econômicas ou pelo menos que o econômico não seria determinante no ato de violência (como afirmou recentemente o Ministro da justiça Gregório) é tampar o sol com a peneira.

A economia vai muito além de uma causa imediatista, onde o sujeito com fome ou em uma situação de desespero, por falta de alternativa, rouba, mata ou agride alguém. A economia na sua concepção não amputada e economicista é um elemento que está no fundamento da sociedade, ela é um dos elementos que estruturam as ligações sociais (ver a este propósito o que nos fala Marcel Mauss e Karl Polanyi sobre a função orgânica das dádivas e das trocas nas economias primitivas e modernas).

Sendo assim a economia política discriminatória e excludente brasileira se projeta sobre o espaço, onde a maioria dos habitantes não tem uma inserção social, pois se encontram desempregados, sem casa, sem família ou são filhos de lares desestruturados e não contam com nenhuma forma de política social, educacional ou cultural do Estado. Esse sujeito tende a ser agressivo, a ficar violento e atacar os símbolos de riqueza, ou mais prosaicamente a procurar sobreviver ou manifestar sua raiva de existir contra o primeiro que aparecer na sua frente (muitas vezes os próprios filhos, a mulher, etc). Assim, a sociedade e o Estado estão abandonando os indivíduos por falta de políticas de emprego, de políticas sociais, educacionais e culturais eficazes. E isso produz a violência. Os sujeitos, as pessoas, perdem o estatuto de ser humano e se tornam indivíduos descartáveis, substituíveis tanto na organização do trabalho quanto na organização criminosa (a média da esperança de vida dos “aviões”, “vapores”, chefes de banda e quadrilhas no Rio de Janeiro é muito baixa!).

Desse modo o Estado por intermédio de seu braço armado, a polícia, exerce o papel de controle social pela imposição da força contra aqueles que se encontram sem força, reprimindo-os, excluindo-os, empregonando-os.

Para além destas questões de desestruturação de indivíduos e famílias que se encontram à margem, de fora da sociedade branca dominante e consumerista, encontramos a violência banal, cotidiana: matou porque o outro o xingou, matou por causa de seu olhar, matou por causa de uma dívida de 3 Reais, matou por sede de sangue, etc. Como explicá-la? Uma das explicações pode ser a impunidade, o pátrio poder dentro de casa, as mulheres e crianças sendo as principais vítimas. Pátrio-poder que se encontra estimulado por um poder e um governo racista que não tem nenhuma mulher no seu ministério, com uma polícia machista que não tem nenhuma *coronel*, pelo salário inferior das mulheres no mercado do trabalho, pelo discurso sobre o sexo “fraco”, o segundo sexo. A outra metade da nossa sociedade é controlada como uma classe que temos que submeter. A sociedade e o Estado nessa violência de gênero têm muita responsabilidade.

Mas essa violência nasce, também, da impunidade, que encontra seus exemplos nos dominantes, nos homens políticos que se servem da “imunidade” para exercer sua influência nefasta sobre a sociedade. A violência vem, igualmente, de sua banalização, do apelo que uma sociedade sem bússola, com os valores de competição e darwinismo social difundidos como nunca, faz ao indivíduo. As metáforas utilizadas nas disputas econômicas exemplificam este estado de guerra: chama-se matadores aqueles que compram ações para especular contra empresas, estimula-se a competição de todos contra todos dentro das empresas, no interior do Estado e mesmo nas Universidades, Escolas, etc. Tudo isso produz medo, ansiedade, frustração, vontade de se proteger e cria uma pré-disposição para se aceitar o inaceitável, o desrespeito dentro das empresas, dentro das escolas, dentro de casa. As pessoas pelo medo de perder o emprego aceitam qualquer coisa, inclusive de não ser mais solidárias com os colegas, com os amigos. Isso leva à banalização do acinte, da destruição e faz com que as pessoas aceitem ver sem reação seus camaradas eliminados do sistema produtivo e da própria vida. Os que sobreviverem nessa guerra banalizam o sofrimento. Os indivíduos para *descompensar* seus conflitos investem em um sofrimento não dito, até que um dia ele exploda (ver a este propósito, A injustiça social na França: A banalização do Mal, Christophe Dejours). O homem normal se tornou um bandido, banalizou-se o bandido, desmoralizou-se a sociedade.

A violência no Espírito Santo e na Grande Vitória

O número de homicídios no Brasil hoje está em torno de 40 mil por ano, superior ao número de baixas em diversas guerras recentes. Se olharmos para o número de homicídios absolutos por capitais, São Paulo e o Rio de Janeiro são as campeãs, porém, quando calculamos o número de homicídios por habitante, segundo dados do Datasus e do Movimento Nacional dos Direitos Humanos, constatamos que a aglomeração de Vitória composta de 5 municípios é a mais violenta do Brasil quando consideramos homicídios proporcionais à população.

Os dados macabros das estatísticas sobre os homicídios no Espírito Santo nos deixam perplexos, mas ficamos mais perplexos ainda quando assistimos às tentativas de se negar a realidade da violência no estado e particularmente na grande Vitória. Tenta-se de tudo para negar essa importância, inclusive comparando números absolutos entre estados (o Espírito Santo comparado ao Rio de Janeiro e à São Paulo) não levando em conta a relação entre esses dados e a população, o que permite de criar índices comparativos. Isso equivaleria do ponto de vista metodológico a afirmar que o nível de vida em dois países com um universo populacional completamente diferente (variando de 1 milhão a dez milhões) seria o mesmo se eles tivessem seus PIB (Produto Interior Bruto) de mesmo valor.

Os dados do MNDH que somente levam em consideração as informações saídas na imprensa sobre os homicídios cometidos no Espírito Santo são claros a esse propósito, não deixando nenhuma dúvida sobre a verdade dos fatos. Esses dados são, apesar de sua importância, ainda subavaliados, pois muitos crimes não são comunicados à imprensa.

Em 1997 foram 1.272 vítimas em todo o estado, esse número subiu para 1.551 vítimas em 1998 e em 1999 desceu ligeiramente para 1464 vítimas. O ano de 99 é o último ano sobre o qual dispomos de informações consolidadas – mesmo o banco de dados da prefeitura de Vitória e das polícias militar e civil não podem dar informações definitivas sobre os homicídios para o primeiro semestre de 2.000. Sendo assim toda divulgação de dados referentes a esse último ano deve ser considerada com muita precaução.

Em 1998, o índice de homicídios por 100.000 habitantes para o estado foi de 59,6 e em 1999 foi de 56,34. Os dados da população utilizados pelo MNDH foram aqueles do censo do IBGE de 1991.

Segundo Dados do Datasus para o ano de 1997, publicados na Folha de São Paulo em 15/08/99, o Espírito Santo era o terceiro colocado em termos de homicídios no Brasil. A região metropolitana de Vitória foi considerada a mais violenta do país, com 84 homicídios por 100 mil habitantes. Esses dados são confirmados pelos dados do Movimento Nacional dos Direitos Humanos. Conforme o MNDH em 1998 esse índice pulou para 95 homicídios por habitante na aglomeração de Vitória. Proporcionalmente o local mais violento na aglomeração nos dois anos foi a Serra liderando em 97 e 98, com respectivamente 106,6 e 129,9 homicídios por 100.000 habitantes.

Em 1997 Cariacica estava em segundo lugar muito próximo de Vila Velha com índices variando entre 82 e 83,5 homicídios por 100 000 habitantes. Em 1998 esses índices foram de 95 por 100.000 para Cariacica e de 90 por 100.000 para Vila Velha.

O município de Vitória em 1997 tinha 64,6 homicídios por 100.000 habitantes e passou à 63,5 em 1998. Um caso que deve chamar atenção é Viana que com 77,6 homicídios por 100.000 habitantes em 1997 passou à 105,78 por 100.000 em 1998, ocupando, assim, o segundo lugar nos índices de homicídios no estado, depois da Serra.

Em 1998 a faixa etária de quase 70% das vítimas dos homicídios era situada entre 18 e 49 anos e 90% das vítimas eram do sexo masculino.

Nas últimas informações publicadas pela UNESCO, no Mapa da violência II, para o ano de 1998 o Espírito se colocou em 2º. lugar no Brasil pelos índices do Datasus, com uma taxa de 58,1 homicídios por 100 mil habitantes. Esse índice é um pouco abaixo do anunciado mais acima com base no MNDH por causa provavelmente dos dados da população levados em consideração pela UNESCO (população estimada pelo IBGE em 1998).

Para o ano de 1999 a distribuição do número de homicídios na aglomeração de Vitória representou 78% dos homicídios cometidos no estado (somente a Serra respondeu por ¼ dos homicídios do E.S.), se levarmos em consideração a população estimada pelo IBGE em 1998 por cada município, os índices foram na média inferiores à 1998, porém continuavam altos, houve na realidade uma redução na grande Vitória do índice de homicídios registrados pelo MNDH, passando de 95 por 100 mil habitantes em 1998 para 78,9 em 1999, porém esse último índice é próximo daquele de 1997 (84 homicídios por 100.000 mil habitantes).

Homicídios cometidos na aglomeração de Vitória em 1999

Municípios	Homicídios	População estimada em 1998	Índices por 100.000 habitantes
SERRA	312	292.523	106.6
VIANA	49	50.100	97
CARIACICA	220	313.427	70.19
VILA VELHA	221	312.059	70.8
VITÓRIA	177	269.135	65
TOTAL E MÉDIA	979	1.239.242	78.9

Fonte: MNDH, Base de dados de 1999.

Em 1999 voltam a se repetir as mesmas características dos homicídios dos anos anteriores.

Mais de 71% dos casos tinham entre 18 e 49 anos, a maioria homem (91%), os crimes são cometidos na maioria nos fins de semana, à noite e de madrugada, principalmente nas vias públicas. A maioria absoluta dos homicídios são cometidos por intermédio de arma de fogo (1.133 pessoas, ou seja 77,39% dos casos), somente no mês de março de 1999 sobre 191 mortes violentas ocorridas, 128 o foram por tiro. Isto demonstra a hecatombe provocada pela utilização das armas de fogo, daí a necessidade de um desarmamento da população.

Do total dos casos de homicídio em 1999, 61% não tem motivo declarado, ou porque a imprensa não investigou o caso depois de ter anunciado a morte ou porque a própria polícia desconhecia ou não deu informações. O número de jovens que são assassinados representa uma verdadeira sangria nas populações pobres do estado e da aglomeração, pois a imensa maioria das vítimas mora nos bairros periféricos.

Em 1999 foram identificados 39,6% dos acusados e os jornais, segundo MNDH, não informaram a identidade de acusados em 60,4% dos casos. A maioria dos acusados (98,57%) são homens e 1,43% somente são do sexo feminino. As fontes não registram a cor dos acusados em 96,82 % dos registros.

Para se ter uma idéia da impunidade dos autores dos crimes basta observar que somente no município de Vila Velha por volta de 77 homicídios de jovens ocorridos nestes últimos anos não foram solucionados. Na imprensa saem informações constantes sobre a existência de grupos de extermínios e de esquadrão da morte ou bandas e guangues criminosas que fazem reinar o terror sobre diversos bairros. Tudo isto continua sem ser solucionado. A população já está vacinada contra os exemplos sanguinários de horror que a imprensa apresenta nas primeiras páginas todos os dias. A indiferença das classes dominantes com este fenômeno é tanto maior que nos bairros mais ricos o índice de mortalidade é ínfimo comparado ao que acontece a apenas 2 ou 3 Km nos bairros localizados nos morros encravados à proximidade dos belos quarteirões residenciais. O número de homicídios por causa de assaltos correspondem somente à 3 por cento dos homicídios e mesmo assim estes crimes estão localizados nos municípios mais pobres. Segundo dados da PMV (Prefeitura Municipal de Vitória) os bairros mais elegantes de Vitória têm um número elevado de tentativas de crimes contra o patrimônio, porém sem um número importante de mortes.

Em Vitória estamos diante de uma situação concreta de luta social, pois são os mais pobres, os mais jovens, vivendo nos quarteirões periféricos que morrem. A ação da polícia tem sido ineficaz e as relações destas mortes com bandas organizadas de criminosos e em parte com o tráfico são mais que evidentes, estas bandas contam com a proteção de parte das autoridades e de homens políticos que se enriquecem com ações ilegais e que lançam mão destes grupos para assegurar sua dominação.

Metodologia teórico-prática

Mais concretamente desejamos pensar e analisar, bem como conhecer de perto, a paisagem produzida localmente pela violência nas grandes cidades brasileiras e particularmente em Vitória, capital do Espírito Santo (**paisagem marca**). Paisagem da violência que determina uma percepção do território pela população, estigmatizando certas zonas, excluindo os já excluídos (lugares de não circulação nos bairros impostos pelas gangues, lugares onde o Estado se encontra ausente, etc.).

Mas podemos pensar, também, na violência produzida pela paisagem (como uma volta em bumerangue da violência que produz exclusões e que localiza os crimes em certas regiões do espaço urbano) o que permite uma percepção, delinea uma ação e favorece uma concepção social daqueles que a vivenciam (**paisagem matriz**).

Deste modo procuraremos entender a co-determinação, a co-extensão, entre estes dois modos de paisagem tendo como pivô central a violência.²

Eu abordarei a violência cidadina, social e banal, dos homicídios provocados pelos grupos de extermínios, pela polícia, pelas gangues e pelo crime organizado. Esta violência é demasiadamente social, humana e urbana. Ela tem suas territorialidades próprias, seus lugares e suas re-presentações inscritas nas paisagens urbanas.

Nós poderíamos inserir esta violência, seguindo a tipologia de paisagens proposta por Denis Cosgrove³, em dois tipos de paisagens : **paisagens de cultura dominante e paisagens alternativas** (paisagem excluída).

Paisagem de cultura dominante porque a violência, tal qual ela é praticada pelo Estado através da polícia e do aparelho judiciário e pelas redes mafiosas entranhadas no aparelho de Estado, é o cotidiano dos excluídos nas grandes cidades brasileiras e conforma um certo tipo de paisagem. Assim se acentuam as oposições entre **espaços de moradia dos excluídos** - favelas, mangues, zonas periféricas - maiores vítimas da violência, com **espaços da auto-exclusão, do estar fora da sociedade** (condomínios fechados, Shoppings Centers, etc.).

Devemos lembrar que as representações sociais (os gostos, a estética, os modelos de comportamento, a cultura) são uma outra forma de violência simbólica praticada pelos dominantes sobre a sociedade. Esta violência é naturalizada e inculcada nos dominados como uma segunda natureza. Isto justifica, em parte, a capacidade orgânica de estar juntos apesar de separados dos fragmentos urbanos-sociais.

Co-extensivamente e de maneira parcialmente reativa a esta cultura “legítima” da violência, surge a cultura da violência dos excluídos, ou daqueles que se encontram nos interstícios ou à margem das cidades : gangues, bandas de hip-hop, redes criminosas controlando territórios-enclaves no coração das cidades. Esta violência está intimamente ligada a anterior, porém, ela é a prática *violencial* que reafirma a utilização e conformação de uma paisagem caótica-estrutural. Fazendo incursões na cidade ela marca territórios e pela ação cotidiana modifica as utilizações do espaço, as regras de organização da sociedade e assim sua paisagem concreta e imaginária se encontram transformadas (lugares de não circulação, circulações limitadas, casas e prédios transformados em fortalezas, etc.).

Estas duas práticas paisagísticas se complementam e se unificam através da violência, verbo do texto paisagístico urbano. Como consequência se têm paisagens concretas e imaginárias organizadas “informalmente” não obedecendo a nenhuma regra explícita de urbanismo (tanto nos bairros dos ricos como nos bairros dos pobres). A prática de diversos pontos paisagísticos é desviada de sua função e estrutura primeira (praias apropriadas por condomínios particulares, áreas de lazer transformadas em Shoppings, quartéis, pontos de venda de drogas que delimitam a circulação dos cidadãos no espaço público, etc.).

Para realizar este estudo diversas propostas podem ser implementadas notadamente:

1-Um estudo e análise de todos os dados estatísticos disponíveis nos diversos órgãos estaduais, municipais, ONGs e institutos de pesquisas, para realizar um mapeamento das violências cotidianas, bem como dos homicídios e uma análise da taxa de elucidação e/ou de inquéritos instaurados por município. O propósito é de publicar todas estas informações, num Atlas da Violência na Aglomeração de Vitória e/ou no Estado do Espírito Santo.

2-Um estudo qualitativo em bairros mais violentos e em outros com mesmas condições sociais e menos violentos (os bairros em Vitória ou nos municípios da aglomeração serão escolhidos em função do nível de criminalidade, da taxa de violência e de homicídios). O Objetivo é o de se fazer um estudo comparativo das diferentes formas de manifestação da violência em dois lugares com condições sociais semelhantes, buscando identificar os principais problemas dos habitantes, a utilização do espaço público, a territorialização da violência e a ação do poder público. Serão realizadas entrevistas com os responsáveis associativos, sindicais, culturais, etc. dos bairros, bem como entrevistas aprofundadas com um certo número de moradores.

²Ver a propósito das noções de paisagem marca e paisagem matriz Augustin Berque, Paisagem-marca, paisagem-matriz : elementos da problemática para uma Geografia Cultural in Paisagem, tempo e cultura, org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, Ed. UERJ, R. Janeiro, 1998, p.84-85.

³A Geografia está em toda parte : cultura e simbolismo nas paisagens humanas, in Paisagem, tempo e cultura, org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, Ed. UERJ, R. de Janeiro, 1998, p.92-123.

3-Estudos devem ser feitos para identificar a violência mais de perto nas unidades de emergência hospitalares de Vitória e dos municípios vizinhos. Buscaremos conhecer as pessoas vítimas da violência.

CONCLUSÃO

Diante do expostos pudemos constatar que os territórios do crime e as paisagens da violência são duas faces do mesmo processo social, portanto do ponto de vista metodológico as propostas de pesquisa de um como do outro fato social estão separadas para melhor permitir a apreensão desses fenômenos. Como pudemos perceber as redes criminosos estão ligadas por fios visíveis e invisíveis à violência, são processos de filiação e de desfiliação social que partem do coração das classes dominantes e do aparelho de Estado para as periferias sociais, econômicas e espaciais. Portanto não há como combater uma violência “periférica” sem combater aqueles que usufruem do aparelho de Estado para se enriquecer, não há como buscar uma cidadania se não se procurar combater a impunidade. Esse texto é uma espécie de canteiro de obras onde os alicerces estão ainda sendo construídos, uma vez consolidadas as bases sólidas da pesquisa poderemos aprofundar o conhecimento do fato criminoso e da violência.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Ed. du Seuil, 1998.
- MACHADO, Lia Osório. O comércio ilícito de drogas e a geografia da integração financeira: uma simbiose? In Brasil - Questões atuais da reorganização do Território, org. I. E. de Castro, P.C.C. Gomes e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1996, p.15-64.
- CHESNAIS, François (Organizador). *La mondialisation financière - Genèse, coût e enjeux*. Pairs: Syros, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny, organizadores. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro : ed: UERJ, 1998.
- DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- DIOGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência : guangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo : Annablume editora, 1992.
- DUPPUIS, Marie-Christine. *Finance criminelle. Comment le crime organisé blanchit l'argent sale*. PARIS: PUF, 1998.
- ELIAS, Norbert. *La dynamique de l'occident*. Paris: Calmann-Lévy, Pocket, 1990.
- Informações da mortalidade na Grande Vitória, 1997, Datasus.
- KHAN, Túlio. *Medindo a criminalidade: Um panorama dos principais métodos e projetos existentes*. Paper apresentado no 3º Encontro brasileiro de projeto “Policia e sociedade democrática”. Projeto CED/ Chile, ISER/Brasil e Centro de Estudios Legales y Sociales/Argentina. s.d. Mimeografado.
- KOPP, Pierre. *L'économie de la drogue*. PARIS: La découverte, 1997.
- La Geopolitique mondiale des drogues*. Rapport annuel de l'Observatoire géopolitique des drogues. 1999.
- LEGENDRE, Pierre. *Jouir du pouvoir - Traité de la bureaucratie patriote*. Paris: Editions de Minuit, 1976.
- OLIVEIRA, Francisco. *A elegia para uma re(li)gião, Sudene, Nordeste, planejamento e conflito de classe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- Relatório banco de dados sobre violência – BDV. Perfil dos homicídios no Espírito Santo. Movimento Nacional dos Direitos Humanos.. Vitória: mimeografado, 1998.
- PROCÓPIO, Argemiro. *O Brasil no mundo das drogas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- Relatório da Mortalidade por causas violentas (primeiro semestre 1999)*. Secretaria municipal de Saúde do município de Vitória, Agosto de 1999.
- ROCHFORD, Michel. *Redes e sistemas. (?)*, 1999.
- SALAMA, Pierre (Organizador). *Drogues: un nouvel avantage comparatif?* . In Revue Tiers Monde, Tome XL. Paris: PUF, 1999, p-247-354.
- SANTOS, José Vicente Tavares (organizador). *Violência em tempo de globalização*. São Paulo : Hucitec, 1999.
- SOUZA, Marcelo Lopes. *As drogas e a “questão urbana” no Brasil. A dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos* In Brasil - Questões atuais da reorganização do Território, org. I. E. de Castro, P.C.C. Gomes e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1996.
- _____. *O Desafio metropolitano – Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- VELTZ, Pierre. *Mondialisation, villes et territoires - L'économie d'archipel*. Paris: PUF, 1996.
- ZANOTELLI, Cláudio Luiz. *Relatório de pesquisa sobre a violência urbana no município de Sobral - Ceará*, Universidade Estadual Vale do Acaraú - Prefeitura Municipal de Sobral, mimeo, 18/08/1999.